O TEXTO

DOS

LUSIADAS

SEGUNDO AS IDEIAS
DO SNR. F. GOMES DE AMORIM

ESBOÇO DE CRITICA PHILOLOGICA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Medico, professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa,
conservador da mesma Bibliotheca, e redactor da
Revista Lusitana

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª—EDITORES
119, R. do Almada, 123
1890

O TEXTO DOS LUSIADAS

OBRAS GLOTTOLOGICAS DO MESMO AUCTOR

O dialecto mirandês, 1882.
Flores mirandesas, 1884.
Linguas raianas de Tras-os-Montes, 1886.
Dialectologia Portuguesa (*Contribuições para o seu estudo*), —doze opusculos, 1883-1886.
Dialecto hispano-extremenho, 2.ª ed., 1884.
Contribuições para o estudo da linguagem infantil, 1883-1886.
A evolução da linguagem, 1886.
A philologia portuguesa, 1888.
Instituto de surdos-mudos de Lisboa, 1889.

Revista lusitana (*philologia* e *ethnologia*), collaborada por muitos especialistas portugueses e estrangeiros, vol. I—estando no prelo o vol. II.

O TEXTO

DOS

LUSIADAS

SEGUNDO AS IDEIAS
DO SNR. F. GOMES DE AMORIM

ESBOÇO DE CRITICA PHILOLOGICA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Medico, professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa,
conservador da mesma Bibliotheca, e redactor da
Revista Lusitana

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª — EDITORES
119, R. do Almada, 123

1890

O TEXTO

DOS

LUSIADAS

SEGUNDO AS IDEIAS
DO SNR. F.-GOMES DE AMORIM

ESBOÇO DE CRITICA PHILOLOGICA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS
Medico, professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa,
conservador da mesma Bibliotheca, e redactor da
Revista Lusitana

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª — EDITORES
119, R. do Almada, 123

1890

O TEXTO DOS LUSIADAS

OBRAS GLOTTOLOGICAS DO MESMO AUCTOR

O dialecto mirandês, 1882.
Flores mirandesas, 1884.
Linguas raianas de Tras-os-Montes, 1886.
Dialectologia Portuguesa (*Contribuições para o seu estudo*),—doze opusculos, 1883-1886.
Dialecto hispano-extremenho, 2.ª ed., 1884.
Contribuições para o estudo da linguagem infantil, 1883-1886.
A evolução da linguagem, 1886.
A philologia portuguesa, 1888.
Instituto de surdos-mudos de Lisboa, 1889.

Revista lusitana (*philologia* e *ethnologia*), collaborada por muitos especialistas portugueses e estrangeiros, vol. I—estando no prelo o vol. II.

O TEXTO

DOS

LUSIADAS

SEGUNDO AS IDEIAS
DO SNR. F. GOMES DE AMORIM

ESBOÇO DE CRITICA PHILOLOGICA

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Medico, professor na Bibliotheca Nacional de Lisboa, conservador da mesma Bibliotheca, e redactor da *Revista Lusitana*

PORTO
LIVRARIA PORTUENSE
DE
LOPES & C.ª — EDITORES
119, R. do Almada, 123
1890

AO

SR. DR. JOSÉ CARLOS LOPES

Illustre Professor na Escola Medica do Porto,
e profundo conhecedor e apreciador da Litteratura Camoneana:

Off.

o antigo discipulo
e sempre grato amigo,

J. L. de V.

PROLOGO

Com excepção de pequenissimo número de trabalhos serios, tudo quanto cá se escreveu sobre Camões por occasião do 3.º centenario, e se tem escrito depois, não passa de meras curiosidades bibliographicas ou de banalidades. Os nossos auctores comprazem-se em arredondar periodos a proposito de encomios que tecem ao cantor dos *Lusiadas*: estes encomios porém, por muito repetidos, chegam a parecer ocos, — e em todo o caso são inuteis, porque não accrescentam nada de novo ao que já se sabe ha muito.

Quando em meio de tal marasmo se annunciou com applausos uma EDIÇÃO CRITICA dos *Lusiadas*, apressei-me a percorrê-la, na persuasão de que ia achar ahi postos em prática os modernos processos da philologia e da critica litteraria, e de que Portugal havia emfim erguido á gloria do seu poeta um *monumentum aere perennius*, mais solemne do que as estatuas, mais profundo do que tudo o mais: a que ponto não subiu todavia a minha surpresa, ao ver que

Os Lusiadas de Luiz de Camões, *edição critica e annotada em todos os logares duvidosos, restituindo, quanto possivel, o texto primitivo pela correcção de erros que nunca se tinham expungido,*—por Francisco Gomes de Amorim, Lisboa 1889, 2 vol. (1).

Referindo-se ás suas annotações, diz o snr. Amorim na *Introducção:* «Rogo ao leitor, imparcial e benevolo, que as leia com indulgencia, desculpando as faltas que n'ellas encontrar, em attenção á sinceridade que inspirou tal tentativa» (Pg. 161). Estou certissimo de que a sinceridade com que o snr. Gomes de Amorim escreveu tres grossos volumes, cheios de noticias interessantes, a respeito de Garrett, foi a mesma com que se abalançou a fazer uma edição revista dos *Lusiadas*, — para assim pousar uma corôa semelhante na fronte dos dois maiores poetas de Portugal; todavia, se tenho louvores para a boa intenção do annotador, não os posso ter igualmente para a maneira extranha, errada e

(1) A materia do presente opusculo sahiu já no jornal lisbonense *O Dia* (n.os 546, 549, 556, 563, 570 e 576, de 1889; cfr. os n.os 550 e 577); mas sae agora com algumas modificações.

leviana como se sahiu da empresa em relação a Camões. Nunca talvez se escreveu a proposito dos *Lusiadas* um trabalho tão infeliz como este, embora ditado por boa vontade e sentimento puro; e o leitor pasma ao ver como houve um individuo que, sem o sufficiente conhecimento da nossa lingua archaica, sem noção clara do que é a critica philologica, e sem capacidade esthetica bem demonstrada, ousou quasi constantemente emendar um poema ante cujo merecimento se curvaram reverentes todos os seculos, e que é por assim dizer o livro de ouro de uma nação.

Não julgo Camões impeccavel, pois é homem; comtudo o snr. Amorim não podia arrogar-se o direito de adivinhar o que Camões quis escrever, nem de o alterar, só porque uma palavra sôa mal a um ouvido melindroso, ou porque uma phrase se não sujeita a uma grammatica de encommenda. A critica, num caso como este, em que o auctor assistiu evidentemente á impressão da sua obra, limita-se a correcções levissimas, intuitivas, taes como *rota* em vez de *rata* (na est. 29, c. I, em rima com *frota*), á pontuação e a pouco mais.

O snr. Amorim assenta como principio de critica que as obras antigas devem ser postas em linguagem moderna, e por isso escreveu as seguintes singularissimas palavras, reveladoras do estado mental mais atrasado que se póde imaginar em critica philologica: «Acabei com o *assi*, onde pude fazêl-o, o *si*, o *mi*, o *antiguo*, o *moura*, e todas as outras affectações, que, no

estado actual da lingua, andavam enxovalhando o poema tanto ou mais ainda do que os proprios erros. Uns *Lusiadas*, ataviados com trajos e ademanes antiquados, dando ares de casquilho velho e pretencioso, seriam mais ridiculos do que dignos do amor e respeito que universalmente se lhes deve» (Pg. 150). Quer isto dizer que Camões ENXOVALHA a sua obra escrevendo como falla, e que é RIDICULO usando a sua lingua! Na opinião do snr. Amorim, os *Lusiadas* estão repletos de AFFECTAÇÕES DE LINGUAGEM, e só s. ex.ª poderá dar a tão maculada obra a pureza que lhe falta. Surgem-me, porém, aqui umas duvidas: porque é que o snr. Amorim chama neste ponto RIDICULOS e AFFECTADOS aos *Lusiadas*, e a pg. 149 considera Camões como «o maior mestre da lingua e poesia portugueza»? Realmente não comprehendo como Camões possa ser considerado mestre de uma lingua que elle escreve com *affectação* e *ridiculo*. De mais a mais está em contradicção comsigo mesmo: no titulo da obra diz que pretende restituir «quanto possivel o texto primitivo»; a pg. 149 diz: «Fiz diligencia para a vestir á moderna [esta edição], como cumpre que seja uma obra eternamente joven». Como é que se restitue um texto primitivo, se se traduz em linguagem moderna a linguagem archaica? Não comprehendo.

Querer modernizar uma obra antiga é absurdo, apesar de tal principio ser muito seguido pelos auctores portugueses que fazem edições de obras classicas. Só absoluta falta

de criterio os póde levar a isso. Senão, vejamos.

Em primeiro logar, pôr em português moderno uma obra antiga não é apenas substituir as palavras antigas pelas modernas que lhes correspondem, porque as palavras soltas, de per si sós, não constituem sempre a linguagem, é necessario attender ás phrases, — e quem poderia substituir a sangue frio uma phrase por outra ? Ora fazer tal, era dar uma idéa falsissima da obra; e substituir unicamente as palavras avulsas, era fazer trabalho incompleto e ao mesmo tempo desharmonico, porque ficavam phrases e locuções antigas, construidas com vocabulos da actualidade.

Em segundo logar, quando se trata de uma obra poetica como os Lusiadas, cae-se numa enorme contradicção, porque certas emendas, que se fazem num caso, não se podem fazer noutro em que as exigencias do metro ou da rima obrigam á lição primitiva. Assim no c. II, est. 22, tinha Camões escrito *da prôã* CAPITAINA, e o snr. Amorim emendou em *da prôa* CAPITANIA; mas na est. 28 ha os versos

> A ancora solta logo a *capitaina*:
> Qualquer das outras junto d'ella amaina

onde o snr. Amorim conservou *capitaina* «por causa da rima». No c. VI, est. 88, tem Camões *lhe* correspondente a *lhes*, como hoje se usa ainda na linguagem popular, e era corrente na linguagem archaica; o snr. Amorim, que esquece este uso, ora põe *lhe*, ora *lhes*, segundo a con-

tagem das syllabas, — de modo que aquella estancia fica assim com duas fórmas para exprimir a mesma idéa! O snr. Amorim explica o uso de *lhe* por *lhes* pela «figura synedoche» (Pg. 48 do vol. II), confundindo assim um phenomeno mecanico com um phenomeno ideologico completamente diverso! No c. VIII, est. 6, tinha Camões muito bem

> *Assi* o gentio diz, responde o Gama

fazendo do *i* e do *o* uma só syllaba, como noutros pontos: e o snr. Amorim, que se offende com *assi*, substitue o verso por est'outro

> Diz o gentio *assim*; responde o Gama

ao passo que no c. I, est. 78, deixa ficar o verso

> E entrando *assi* a fallar-lhe a tempo e horas,

ao qual põe este extravagante commentario: «Deixo ir, com bem magoa, o *assi* do v. 1, para que se saiba que não sou eu que o erro!» (Pg. 233). De certo: foi Camões quem errou! Igualmente no c. III, est. 1, deixa o verso

> Assi o claro inventor da medicina

e diz: «N'este logar, foi-me impossivel supprimir o *assi* do v. 5; é verdadeiramente o caso em que a figura ecthlipse, engulindo o *m* final de *assim*, concorre para fingir que este mau verso fica certo» (Pg. 331). E' a primeira vez que eu vejo uma *figura de grammatica* a engulir *m m* como quem engole pilulas! Não só o

snr. Amorim desconhece a natureza dos phenomenos phoneticos, como tambem não sabe que *assi* não provém de *assim*, mas que é *assim* que provém de *assi*, fórma anterior a *assim*; não houve pois ecthlipse nenhuma! — Em muitos versos o snr. Amorim substitue *mi* por *mim*; no c. VI, est. 32, por exemplo, conserva-o porém, porque essa palavra rima com *desci* e *venci*. No c. II, est. 4, tinha Camões *produze* em vez do moderno *produz*; o snr. Amorim moderniza-o, porque aqui a suppressão do *e* não altera a medida,—mas no c. IX, est. 58, conserva-o e diz: «não se póde mudar para *produz* por ser cunha poetica; se tirasse o *e*, manquejava o verso» (Pg. 190). E o pobre Camões a soffrer resignado tamanhas torturas! E' certo que o proprio texto primitivo do poema offerece não raro duas orthographias para a mesma palavra, mas esse facto, longe de dever ser sempre taxado de erro, deve até ás vezes ser aproveitado, porque nos apresenta a lingua na sua phase de evolução; ninguem comtudo tem o direito de pôr no poema o que de proposito lá não está.

Ha ainda outros principios que militam contra a modernização dos textos antigos. Suppondo que cada geração vae alterando, segundo a evolução secular da lingua, um texto qualquer, poetico por exemplo, ora supprimindo sons não pronunciados na respectiva epoca, ora introduzindo outros, ora deixando certas fórmas, num caso para se obedecer ao metro, noutro para se ir conforme a rima, calcula-se perfeitamente que, ao cabo de alguns seculos,

esse texto se achará num estado miseravel e lastimoso de ruina. A pag. 151 diz o snr. Amorim: «Sendo evidente que no modo de expressar os seus versos elle [Camões] se antecipou muitissimo ao seu tempo, escrevendo para ser lido em quanto durar essa nacionalidade, estou convencido de que interpreto com fidelidade o seu pensamento, excluindo d'esta obra prima tudo o que sejam archaismos, e conservando-lhe a actualidade da linguagem, que estava na intenção do cantor sublimado». Confesso que não entendo. Então Camões *antecipou-se muitissimo ao seu tempo* para ser lido de futuro? Se elle *fosse além do seu tempo*, comprehendia eu; assim, não. Mas como é que o poeta, a não ser por capricho philologico, havia de escrever numa linguagem diversa da do seculo XVI?

Finalmente, a principal importancia de uma obra de arte resulta da fórma; e, como essa fórma depende da linguagem, claro está que, alterando-se esta, o valor daquella decae immediatamente. Um dos modos pelos quaes se manifesta a emoção poetica é o rythmo; por consequencia, se nós vamos desmanchar um verso, vamos ao mesmo tempo destruir um dos effeitos que o poeta teve em vista, e para chegar ao qual o seu systema nervoso vibrou de certo modo. Boa parte do merecimento da poesia dos gregos e romanos está perdida para nós, exactamente por não podermos hoje avaliar com segurança alguns dos elementos do rythmo das linguas em que essa poesia foi escrita.

Torna-se assim manifesto que alterar os ver-

sos camoneanos, embora para os traduzir em lingua moderna, é falsear o pensamento e o sentimento de Camões. Nem tanto differe da linguagem actual a linguagem d'este poeta, que seja preciso recorrer a meios violentos para receber a emoção que elle quis communicar aos seus leitores! E que tinha, ainda assim, que differisse? Por mais que os modernizem, os *Lusiadas* não são um livro para o vulgo.

Nós não poderemos dar aos *Lusiadas* o devido apreço se os não lermos no idioma em que o auctor os escreveu. Os *Lusiadas* são uma obra antiga, e hão-de ser lidos como tal. Dizer o snr. Amorim que elles constituem um poema para todos os tempos, é proferir uma heresia, se com isso se quer referir á lingua. Os *Lusiadas* são um poema de todos os tempos para nós portugueses, mas na idéa, porque palpita alli a alma da nossa nacionalidade; quanto á lingua, são unicamente uma obra do seculo XVI: e será tão extraordinario, tão erroneo, tão ridiculo, substituir as expressões antigas pelas modernas, como, por exemplo, fazer representar um auto de Gil Vicente com personagens do seculo XIX vestidos pelos ultimos figurinos de Paris.

De tudo isto se vê que os principios em que o snr. Amorim assenta a sua edição critica (sic) são falsos. Um texto antigo não póde nem deve ser reduzido a linguagem moderna para se dar como tal; póde e deve apenas ser annotado nos logares obscuros, mas nunca adulterado. E' curioso que hoje, que os philologos de todas as nações cultas se esmeram em reduzir quanto

possivel os textos litterarios antigos ás fórmas primitivas, venha o snr. Gomes de Amorim barbarizar completamente os *Lusiadas*, — e isto com pretensões a resolver um problema!

De mais a mais, o snr. Amorim, não contente com mutilar por todos os modos possiveis a nossa Biblia nacional, o cofre sacrosanto de todas as nossas glorias, a crystallização pura de todos os sentimentos do povo português, vem ainda amesquinhar grande numero de auctores de solido merito, apenas com o fim de querer exaltar Camões, como se a fama d'este se empannasse com a dos mais! Assim, a pg. 17 do vol. I, diz que os conselheiros de D. Sebastião «roiam com prazer os versos coriaceos de Ferreira, de Sá de Miranda e de Caminha». A pg. 190 chama *rançoso* ao *Verdadeiro methodo de estudar*, de Verney, e dá a este por ironia o epitheto de *sabio*, accrescentando que «não passa de *escrevedor* massudo, pesado, indigesto, de pessimo ou nenhum gosto, tratando a lingua portugueza como se fosse gallega ou moira». Parece incrivel! Então a lingua gallega e a lingua moira não serão linguas tão perfeitas como a portuguesa? Que estranha idéa que o snr. Amorim tem das linguas! O que vale é que a gloria de Ferreira, Caminha, Sá de Miranda e Verney é superior aos sarcasmos intempestivos do snr. Amorim. Comtudo custa ver pronunciar juizos tão temerarios.

Sá de Miranda, que foi no nosso país o echo da renascença litteraria italiana, Andrade Caminha, collaborador intelligente d'essa em-

presa, e Antonio Ferreira, que, com a *Castro*, deu ao genero dramatico entre nós uma feição que lhe faltava ainda, não teem outro valor, segundo o snr. Amorim, senão o de fazerem *versos coriaceos!* Não occultarei que a metrificação de Ferreira é, ás vezes, um tanto dura, como de quem, ao escrever sem rima, pela primeira vez trilha caminhos invios e difficeis; mas os versos de Sá de Miranda e Caminha não estão nesse caso. O snr. Amorim dá a entender que nunca meditou nelles, apesar de os condemnar! Todavia a gloria de Ferreira não se hade medir pela aspereza dos seus versos.

Verney, que rasgou a Portugal horisontes inteiramente novos em philosophia, preparando em parte o terreno para a grande reforma scientifica do marquês de Pombal, e apontando com espirito critico e encyclopedico, desconhecido até então entre nós, as causas da nossa decadencia intellectual e os meios de a atalhar, — é para o snr. Gomes de Amorim unicamente um *sabio rançoso* e um *escrevedor massudo*, só porque não manejou a lingua portuguesa com perfeição classica: como se nós tivessemos de aquilatar sempre os merecimentos de um homem de sciencia, e de um pensador, apenas pela correcção com que elle architecta uma phrase, ou pela arte com que torneia um periodo! A todos cabe, é certo, a restricta obrigação de escreverem com cuidado a lingua que escolhem para manifestação dos seus pensamentos; mas, quando se trata de um homem como Verney, que, depois de passar parte da vida no extran-

geiro, vem á terra natal, como bom filho, trazer os fructos da sua profunda erudição, embora, pelo deshabito de fallar português, e por lidar constantemente com idiomas extranhos, haja perdido um pouco a vernaculidade patria, devemos evidentemente usar de toda a desculpa para com elle.

Para eu fazer uma critica conveniente da obra do snr. Amorim, teria de escrever um volume, pois que todas as suas observações precisam de reparo; por isso, e porque me era em extremo penoso estar a annotar por completo um trabalho, onde não ha o minimo vislumbre de critica scientifica, e onde pelo contrario nunca se entra qúe se não encontre motivo para asperas censuras, vou limitar a minha análise ás principaes passagens do canto 1.º e 2.º; mas as minhas reflexões serão apenas ácerca da linguagem.

Começarei naturalmente pelo canto 1.º.

Nas est. 2 e 3 emendou o snr. Amorim *valerosas* e *antiguas* em *valorosas* e *antigas*, sem pôr nota nenhuma. Na mesma est. substitue *Alexandro* por *Alexandre*, fazendo a seguinte curiosa nota: «E' tempo já que este *Alexandro* passe a chamar-se simplesmente *Alexandre*, como toda a gente, apesar da sua altissima prosapia». Então toda a gente se chama *Alexandre?* E o snr. Amorim dá-se ás vezes a liberdade de empregar estylo jocoso num assumpto d'estes! Mas o que eu sempre lamento são as suas razões. O nome do rei da Macedonia é grego, e

tem a fórma *Alexandros*, d'onde os romanos fizeram *Alexander* (nominativo) e *Alexandrum* (accusativo): ora é evidente que a fórma camoneana *Alexandro* é boa, pois que as palavras portuguesas derivadas do latim não provéem geralmente do nominativo; do mesmo modo dizemos *Lysandro* e não *Lysandre*, *magro* e não *magre*, etc. O sr. Amorim devia tambem lembrar-se de que em hispanhol ha *Alexandro* (orth. ant.) ou *Alejandro* (mod.), e em italiano *Alessandro*: fórmas todas pois com *o*. A fórma portuguesa *Alexandre* é secundaria.

Na est. 4 não entendeu o snr. Amorim o sentido dos versos

> Porque de vossas aguas Phebo ordene
> Que não tenham inveja ás de Hippocrene

o primeiro dos quaes emendou assim

> Para que a vossas aguas Phebo ordene

pondo o seguinte commentario: «Como está, não acho crivel que o deixasse o poeta: *Porque Phebo ordene que de vossas aguas não tenham inveja ás de Hippocrene?* Mas deve ser o contrario: o que pretende o cantor é que as aguas do Tejo não tenham que invejar áquellas» (Pg. 185). Ora Camões diz exactamente isso, pois que a expressão *porque de vossas aguas* significa em bom português *para que a respeito de vossas aguas*. Na lingua archaica e ainda em certas expressões de hoje (ex. «sáio por me distrahir») é muito frequente o uso de *por* em vez de *para*; e na lingua geral é corrente *de* em

vez de *a respeito de*, por ex. «*d'isso* não fallarei», que quer dizer *a respeito d'isso*, etc. Os versos camoneanos devem portanto interpretar-se d'este modo: «Para que Phebo ordene a respeito de vossas aguas (i. é, *ás vossas aguas)* que ellas não tenham inveja ás de Hippocrene». Assim tudo está claro, sem ser preciso alterar a lição dos Lusiadas, como o snr. Amorim faz sem fundamento absolutamente nenhum.

Na est. 5 tinha Camões

Que o peito accende e a côr ao gesto muda

onde o snr. Amorim substitue *gesto* pela palavra *rosto!* E' outra emenda infundada, porque *gesto* outr'ora tanto tinha a significação moderna como a de *rosto:* [1] portanto Camões escreveu bem. Mas, admittindo mesmo que Camões empregasse *gesto* no seu sentido actual, o emprêgo podia ainda justificar-se, pois que *côr* significa, além de uma propriedade physica, tambem *aspecto*, *feição*, etc. Cicero diz por exemplo: «Amisimus omnem non modum sucum ac sanguinem, sed etiam *colorem* et speciem pristinam civitatis». Já se vê que em qualquer dos casos, embora o primeiro seja o mais provavel, Camões não errou; o snr. Amorim é que a todo o panno se quer mostrar exigente: as suas exigencias, porém, levam a tão proficuos resultados!

Na est. 6 substitue *maura lança* por *moira*

---

[1] Vid. adeante, neste mesmo opusculo.

lança; mas *maura* não é archaismo; é fórma litteraria! Para que foi pois a substituição?

O que se passa na est. 9 é assombroso: Camões, dirigindo-se a D. Sebastião, diz:

Os olhos da real benignidade
Ponde no chão: vereis um novo exemplo

O sr. Amorim substitue *ponde* por *pondo*, imaginando que Camões não devia intimar o rei «como quem lhe dava ordens, em vez de lhe dirigir uma supplica respeitosa». E accrescenta: «Só depois d'esta condicional, em que apurou a sua modestia, usa da liberdade de lhe dizer nas duas estancias seguintes: — *ouvi*». Mas o sr. Amorim não repara que no principio da estancia diz Camões:

Inclinae por um pouco a magestade
Que nesse tenro gesto vos contemplo.

Portanto, como é que o poeta quer apurar, pelo modo que o sr. Amorim pensa, a modestia do rei, se começa por se lhe dirigir com o imperativo *inclinae?* — Na mesma estancia diz o sr. Amorim que a palavra *valerosos* vem de *valente!*

Na est. 12 tinha Camões

Os doze de Inglaterra e o seu Magriço

O sr. Amorim substitue *doze* por *onze,* abonando a sua substituição com estas admiraveis razões: «Se fossem treze, devia contar-se assim; mas eram doze, na sua totalidade; e por tanto

a lição deve dizer onze; porque só com o Magriço perfazia aquelle numero; não era duzia de frade, como todos teem entendido». Não era *duzia de frade,* mas tambem não era *duzia de Amorim;* era duzia portuguesa. Camões, com a expressão *os doze de Inglaterra, e o seu Magriço,* quer dizer: *os doze de Inglaterra, contando-se neste numero o Magriço.* A conjuncção *e* exerce na phrase a funcção de realçar o Magriço: a cada passo nós a empregamos com semelhante sentido na linguagem corrente, por exemplo, quando dizemos: *ia o regimento e o seu commandante á frente,* etc., pois que o commandante faz parte do regimento.

Na est. 14 tinha Camões:

> Nem deixarão meus versos esquecidos
> Aquelles que nos reinos lá da aurora
> Se fizeram por armas tão subidos,
> Vossa bandeira sempre vencedora!

O sr. Amorim, que não entendeu a funcção grammatical do ultimo verso, emendou desastradamente o 3.º assim:

> Sós, fizeram, por armas vencedoras

imaginando *bandeira* complemento directo de *fizeram,* quando Camões quis dizer: *se fizeram tão subidos por armas, tendo sido sempre vencedora a vossa bandeira,* ou *com a vossa bandeira sempre vencedora.* O 4.º verso corresponde ao que em grammatica se chama *participio absoluto* ou *oracional,* e por isso liga-se perfeitamente com os antecedentes, sem ser preci-

so emendar nenhum. Em verdade foi uma pena que o sr. Amorim gastasse tanto tempo e trabalho para obrigar os seus leitores a chegarem a conclusões tão tristes. Aquelle verso é perfeitamente comparavel com este, quanto á funcção grammatical:

A mão na espada, irado e não facundo

e comtudo o sr. Amorim não o emendou, do que se vê que s. ex.ª não é coherente.

Na est. 19 emenda o magnifico verso

As inquietas ondas apartando

neste outro, destestavel,

As desinquietas ondas apartando

dizendo que aquelle está frouxo! Alem d'isso, a palavra *desinquietas* significa rigorosamente *quietas*, porque o prefixo *des-* indica o contrario da ideia expressa no vocabulo a que se junta, como em *desataviado*, *desfeito*, etc.; só em linguagem familiar se póde empregar *desinquietas* no sentido de *muito inquietas*, pois é só nessa linguagem que o prefixo *des-*, junto a expressões negativas, significa reforçamento, como em *desinfeliz*, etc. (cfr. ainda *desabalado*). Vê-se por consequencia o inconveniente de alterar o verso. —Na mesma estancia tinha Camões estes versos:

As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Proteo são cortadas

que o sr. Amorim transtorna, pondo *pastadas* em vez de *cortadas*, porque, «a não ser isto, não havia necessidade de fallar aqui em *gado*» (Pag. 199). Mas o sr. Amorim não repara em que na mythologia se dá o nome de *gado* de *Proteo* a varios animaes marinhos que este guardava, embora tal gado não *pastasse agua*. Que valem pois as razões de s. ex.ª?

A est. 21 tambem não foi entendida pelo sr. Amorim. Camões disse:

> Alli se acharam juntos num momento
> Os que habitam o Arcturo congelado,
> E os que o Austro tem, e as partes onde
> A aurora nasce e o claro sol se esconde

e o nosso auctor emenda o penultimo verso d'este modo:

> E os do Antarctico polo, e partes onde

baseando-se em que «não se póde admittir que tamanho poeta nos dissesse que entre os deuses estavam tambem *as partes onde a aurora nasce:* destempero inconcebivel!» (O ponto de admiração é do texto). Isto custa a acreditar. E o sr. Amorim ainda ha pouco a accusar Verney de não saber português! Ora os versos de Camões são perfeitamente intelligiveis; querem dizer: *Acharam-se alli juntos num momento..... os que tem o Austro, os que tem as partes onde nasce a aurora, e os que tem as partes onde se esconde o claro sol,* isto é, *os habitantes do Sul, do Oriente e do Occidente.* De modo semelhante se diz em latim: *Corinthum habere* (ter Corintho,

habitar Corintho), etc. Igualmente se encontra em Rodrigues Lobo (*Obras*, ed. 1723, pag. 541 col. 1):

> E ao Pay *que tinha então Ponte do Lima*

isto é, «ao Pay *que habitava então Ponte do Lima*».

Na est. 24 tinha Camões muito bem:

> Como é dos Fados grandes certo intento

e o sr. Amorim emendou

> Como é dos fados grande e certo intento

dando uma razão das do costume: «que não ha fados grandes nem pequenos»! De modo que não entendeu a funcção grammatical de *grandes*, que consiste apenas em realçar os Fados (*grandes* em poder, poderosos) e não em os contrapôr a outros. Mas pergunto eu ao sr. Amorim: que sentido faz nos versos a expressão *grande intento dos Fados?* Já se vê que s. ex.ª não me póde responder.

Na est. 50 ha os versos

> Os portugueses somos do Occidente,
> Imos buscando as terras do Oriente

que o sr. Amorim transformou em

> Os portugueses somos; do Occidente
> Vimos, buscando as terras do Oriente

dizendo que é melhor *vimos* do que *imos* (?!!) e que «não havia portuguezes, n'aquelle tempo,

que não fossem do Occidente». Já outros annotadores teem tambem discutido estes versos, mas o facto discutido parece-me simples, pois elles devem pontuar-se assim:

Os portugueses somos, do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente

e entender-se *do Occidente* como uma apposição explicativa de *Portugueses*, tanto mais que ella se dirigia a gente estranha, que ignorava d'onde os Portugueses eram. Um pleonasmo semelhante empregou Camões no verso

Da occidental praia lusitana

pois, se não havia outros Portugueses que não fossem os do Occidente, tambem não ha outra praia lusitana que não seja occidental. Claramente é *occidental* que qualifica *praia lusitana*, e não *lusitana* que qualifica *praia occidental:* portanto o meu argumento vale.

Passo em claro, porque me não sóbra o tempo para as refutar, muitas outras emendas; se ainda assim tenho feito tantas reflexões, e continuarei a fazer mais, é para que aos leitores não reste a menor duvida sobre o que eu disse acima, isto é, que ao trabalho do sr. Gomes de Amorim faltam todas as condições de critica e de sciencia.

Na est. 66 põe Camões na boca do *valeroso capitão* as seguintes palavras:

D'este Deus-homem alto e infinito
Os livros que tu pedes não *trazia*.

Como se falla em linguagem do presente, imagina o sr. Amorim que ha discordancia no verbo, que devia, segundo elle, ser *trago*, — e accrescenta: «Serão, talvez, estas das estancias apagadas pelo mar da costa de Camboja, que o poeta depois se não lembrou de restabelecer, como primitivamente as tinha escrito? Ou de proposito as deixou assim, auctorisado pelos *cancioneiros*? Quem poderá responder-nos?» (Pg. 227). Responde-lhe o proprio Camões na est. 64:

> Dar-te-hei, senhor illustre, relação
> De mim, da lei, das armas que *trazia*.

Desde o momento que o poeta empregou repetidamente a mesma palavra, é para suspeitar que não houve erro, e sim proposito. Mas discutamos os argumentos do sr. Amorim. Realmente sería para estranhar que Camões fosse tão falto de gôsto que, suppondo mesmo que o mar de Camboja lhe apagára algumas phrases, deixasse ir um contrasenso, se o houvesse, só por se não dar a um pequeno trabalho de correcção. O sr. Amorim amesquinha d'este modo muito injustamente o nosso grande epico. Em segundo logar, os cancioneiros não são nenhuns *passa-culpas* que auctorisem erros de grammatica; se lá estivessem erros, Camões não os copiaria. Por outro lado as passagens que o sr. Amorim transcreve como justificativas, a pag. 225-226, tem explicação mui diversa d'aquella que s. ex.ª lhes attribue. Vejamos porém a final se Camões empregou bem ou mal *trazia* em vez de *trago*. Notando que o verbo é

empregado num dialogo, e que o estylo do dialogo neste caso deve ser o familiar, chega-se facilmente á conclusão de que o poeta não falta ás leis grammaticaes, pois todos nós usamos ainda hoje em linguagem vulgar de phrases como estas: «Eu não *trazia* agora dinheiro para lhe dar; eu não *tinha* neste momento nada que lhe dizer, etc». Em todas estas phrases se emprega o preterito-imperfeito pelo presente, nas mesmas circumstancias em que Camões o empregou no texto citado. Outro exemplo se encontra ainda no c. III, est. 127:

> Mova-te a piedade sua e minha,
> Pois te não move a culpa que não *tinha*

onde tambem está *tinha* por *tenho*.

Na est. 80 dissera Camões

> Porque, sahindo a gente descuidada,
> Cahirão facilmente na cilada

que o sr. Amorim commenta: «Erro de todas [as edições]. Quer se refira á *gente*, que sahisse descuidada, quer ao capitão, a concordancia grammatical exige que se escreva *cairá;* e não *cairão*» (Pg. 234). O sr. Amorim não só não entendeu o sentido, como mostrou desconhecimento da lingua: não entendeu o sentido, porque o poeta refere-se claramente á *gente* e não ao *capitão*; mostrou desconhecimento da lingua, porque é trivial, tanto no uso familiar, como no dos classicos, considerar *gente* como um substantivo collectivo, dando-lhe por concordancia um verbo ou um adjectivo no plural.

A linguagem é um phenomeno ordinariamente automatico, e muitas vezes teem-se em vista não tanto as ideias já expressas, como as que na occasião se querem exprimir. Já se vê que eu não pretendo absolver Camões dos erros ou defeitos em que elle por ventura incorrêra; mas tambem não tenho o direito de o emendar: o que devo fazer, como critico, é vêr se posso dar a explicação psychologica dos factos, para não ir considerar como interpolação estranha o que é do proprio auctor. Com quanto pareça um desvio do rigor da syntaxe, é a realidade da linguagem e do pensamento traduzido nella; portanto não temos nada que corrigir. Os exemplos semelhantes abundam. Na est. 24 do cant. I falla Camões da *forte gente de Luso;* na est. seguinte diz que ella *alcançou favor do ceu e teve os tropheus da victoria;* pois, apesar de aqui fallar no singular, na est. immediata, que é continuação d'estas, falla no plural, embora se refira tambem á *gente*, e diz: que ALCANÇARAM *fama na guerra romana*, etc. Porque foi isto? Porque Camões tem agora na mente a ideia de *homens, guerreiros*, etc., cujo conjuncto fórma o que tambem se póde exprimir pelo singular — *gente*. No cant. X, est. 107, lê-se ainda:

> Por este mar a gente Lusitana
> Que com armas *virá* depois de ti,
> *Terá* victorias, terras e cidades,
> Nas quaes *hão de* viver muitas idades.

O grande classico Antonio Vieira diz até na mesma phrase: «Dos que a fizeram d'oiro *dire-*

mos depois; o que agora sómente *me* parece dizer é que, etc.» (na descripção da *Fortuna*): portanto, referindo-se a si proprio, tem n'um caso o singular e no outro o plural. Em João de Barros, por exemplo, leio: «... a *gente* das outras [náos], que ficárão, vendo o exemplo de seus vizinhos, *leixárão* os cascos vazios, e *salvárão-se* em terra» (*Decada* 2.ª, liv. 2, c. 3, fl. 30., — ed. 1628); «vendo os nossos como a *gente* d'estas terradas *andavão* nadando» (ib. ib. ib., fl. 30). Nos proprios *Lusiadas*, c. IV, est. 88 se lê:

> A gente da cidade, aquelle dia,
> ....
> Saudosos na vista e descontentes...

E mais exemplos se podiam facilmente recolher. E' por semelhante razão que aqui na Estremadura, tomando *a gente* por *nós*, se diz: «a gente vamos embora, a gente queremos sahir, etc.». Se cito a phrase popular, é porém só para mostrar a generalidade das leis da linguagem, porque, com quanto a linguagem popular não possa sempre servir de modêlo de texto, ella obedece comtudo aos mesmos principios que a litteraria, que á custa d'ella vive.—Por conseguinte o sr. Gomes de Amorim emendou indevidamente.

Na est. 85 fez o sr. Amorim nada menos de tres emendas, qual d'ellas mais infundada! Disse Camões:

E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra
....
Por isto e porque sabe quanto erra;

o sr. Amorim substituiu *de antes* por *antes*, porque «salta aos olhos que Camões não podia ter escripto *de antes*, que é locução adverbial, e que significa *antigamente*, *num tempo anterior*, e não póde ter applicação aqui, em que a acção é toda seguida» (Pag. 239). Tanto não salta aos olhos, que o poeta na est. 104 tem

Que Baccho *muito de antes* o avisara

onde *muito de antes* está exactamente no mesmo sentido que a expressão moderna *muito antes*: donde se vê que ha correspondencia entre o moderno *antes* e o archaico *de antes*, e que portanto o texto camoneano está bem. Mas póde abonar-se este uso com o exemplo de outros AA. No *Dicc. da Ling. Port.* de Moraes, 7.ª ed., citam-se estas duas passagens de Rodrigues Lobo: «Em uma aldea, aonde o dia *d'antes* se lhe acabára» (*Obras*, ed. 1723, pg. 176); «Nem ella a elle o vira *d'antes* d'isto» (*ib.* pg. 541). A estes exemplos juntarei mais um, que eu colhi no mesmo Rodrigues Lobo: «o desejo que lhe causára a noyte do dia *d'antes*» (pg. 50). Todos os exemplos citados provam, e esse é o meu fim, que *d'antes* não significa só *outr'ora* e *antigamente*. Se o sr. Amorim se désse ao trabalho de percorrer os nossos classicos, não lhe pareceria achar tantas e tão graves inexactidões

no texto camoneano: e veria pelo contrário que Camões emprega as mesmas expressões que elles. — A segunda emenda foi *som de guerra* em *tom de guerra*, por o sr. Amorim estar «convencido de ser erro typographico». Realmente não posso descobrir o motivo d'esse convencimento, pois que a expressão *em som de guerra* é muito frequente na nossa linguagem, e abonada pela litteratura; para não ir mais longe, aqui deixo dois exemplos colhidos em Bluteau, *Vocabulario*, s. v.: «Cuidando que em *som de guerra* lhe quisessem occupar suas terras» (*Monarchia Lusitana*, I, 132, col. 2), «e *em som de guerra* pelo mar se estende» (*Templo da memoria*, liv. 2.º, est. 118). — A terceira emenda consiste em transformar o ultimo verso, que citei, neste:

> Por isto, e porque *bem* sabe quanto erra

que o sr. Amorim tenta justificar assim: «O verso carecia de uma *syllaba*; e conhece-se perfeitamente que devia estar no autographo, porque só ali cabe — *bem*, como natural complemento do metro, e do sentido» (Pg. 240). Em primeiro logar, o verso, emendado assim, fica horripilante, em virtude de um principio de metrificação, que o sr. Amorim esqueceu neste ponto, e que consiste em não fazer cesura numa syllaba proclitica, pelo simples motivo de que tal syllaba se lê sempre junta á palavra seguinte, e portanto fica com o seu accento tonico subordinado ao d'esta. Um verso, como

Por isto e porque bem sabe quanto erra

—que deve ter um dos seus accentos predominantes na 6.ª syllaba,—ou se ha-de accentuar em *sabe*, e então sae errado, ou hade fazer demorar a voz em *bem*, e nesse caso deixa de ser natural a expressão, porque ninguem diz em linguagem corrente, a não ser gaguejando, ou em emphase que o poeta aqui não quis fazer, *bem... sabe*, mas *bem sabe;* e um verso é tanto mais perfeito, quanto mais se aproximar do fallar usual. Em segundo logar o sr. Amorim esqueceu-se tambem de notar que o hiato não é raro em Camões, e que o verso

Por isto e porque sabe quanto erra

pertence a essa classe. Eis alguns exemplos que o justificam neste caso (tirados de outras obras do mesmo poeta):

O prado, o arvoredo, o rio, a fonte. *Ode XII.*
O airoso meneio e a postura. *Ode X.*
No mais antigo tempo e presente. *Ode XIII.*
E quanto em mostrá-las desmereço. *Ibid.*
Selvatico no mundo e habitante. *Elegia I.*
Porque a cerviz ferina e inhumana. *Ibid.*
Ao manso Favonio brandamente. *Ibid.*

O phenomeno observa-se em muitos mais poetas. E' inutil accumular exemplos; contentar-me-hei com mais dois, de Diogo Bernardes (*Rimas ao Bom Jesus*, ed. 1608):

Que tanto tempo ha que me esperays. *Elegia I.*
Que direi do extremo a que chegou. *Ibid.*

Já se vê pois que não é necessario alterar o texto camoneano.

Na est. 86 tinha Camões o verso

> Por lhe defender a agua desejada

que o sr. Amorim transformou em

> Por defender-lhes a agua desejada

não sei para quê, pois o número das syllabas metricas é o mesmo. Mas o nosso auctor fez aqui mais uma das suas, que foi substituir *lhe* por *lhes*. Elle ora suppõe *lhe* um erro typographico em vez de *lhes* (como aqui), ora uma *licença* (pag. 247). Mas não vejo bem como se haja de estar sempre a modificar uma palavra de uso tão frequente nos quinhentistas. Eu poderia aqui reunir centenas de exemplos d'elle, mas limito-me a dois, um que colhi em Ferreira, e outro em Barros: «entre as boas doutrinas que *lhe* davão [aos filhos] principalmente era» (comedia *Bristo*, pag. 10, ed. 1771); «tornárão outra vez ás nossas náos a *lhe* lançar dentro aquella chuva de setas» (*Decada* 2ª, loc. cit., fl. 30). Escolhi de proposito a prosa para que se veja que não ha *licença* nenhuma, e que pelo contrario é linguagem usual. Hoje mesmo é frequentissimo ouvir-se dizer em linguagem descurada, mas em virtude da tradição ininterrupta, *lhe* por *lhes*. — Na mesma estancia dá-se mais um facto curioso, e que mostra bem o pouco ou nenhum criterio que presidiu a ésta desgraçada edição. Fallando dos moiros, que andavam

pela praia a *defender a agua desejada*, diz Camões com muita elegancia e propriedade:

> Um de escudo embraçado, e de azagaia,
> Outro de arco encurvado e setta ervada,
> Esperam que a guerreira gente sáia;
> Outros muitos, já postos em cilada...

O sr. Amorim emenda *um* e *outro* em *uns* e *outros*, e diz: «E' claro que não póde ser; e o proprio verso 8 o está dizendo. Dois homens a passear, ainda que estivessem armados até aos dentes, e tivessem a força de seis leões cada um, não impediriam tres bateis, cheios de portuguezes, de ir fazer aguada» (Pg. 240). Mas todo o leitor vê que taes razões nada provam, porque a questão não é de hispanholada, é de grammatica. Camões usou elegantemente de *um* e *outro* em vez de *uns* e *outros*, por virtude de um processo psychologico chamado em rhetorica *synedoche*, e que neste caso consiste em tomar o singular pelo plural, dando áquelle o caracter de generalidade. Abundam os exemplos litterarios. Em Sá de Miranda (ed. Michaelis) colhi estes:

> Não os queria assi tam amarelos,
> Nem tam achacadiços: *este* geme,
> *D'est'outro* chorão os seus olhos bellos,
> *Outro* por Julho e por Agosto teme (Pg. 438);

> E que lingoa é dos pastores!
> *Um* diz que tens mal de fóra,
> *Outro* que é mal de amores,
> Chama-lhe *outro* mal...... (Pg. 549).

E em nenhuns d'estes casos quer Miranda dizer que o número era de tres!—Em Domingos dos

Reis Quita (ed. 1781, vol. II) achei os seguintes versos, em que o poeta falla das aves:

> *Uma* a cantiga exprime modulada
> Com suave gorgeio, *outra* responde (Pg. 28)

e o poeta tambem não deseja dar a entender que as aves erão apenas duas. Mas para que heide eu multiplicar os exemplos? — No último verso de Camões, citado acima, ha effectivamente *outros*, com que o sr. Amorim pretende absolver-se; não o consegue, porém, porque Camões, ao passo que nos versos antecedentes (onde deve entender-se: *elles, um de escudo, outro de arco encurvado, esperam* etc.) contrapôs *um* a *outro*, neste não contrapôs *outros* a nenhum, e alem d'isso juntou-lhe *muitos*, que por fôrça obriga *outros* a estar no plural; de mais a mais *outros* é o complemento natural da ideia expressa singularmente em *um* e *outro*.

Havia ainda muitas mais observações que juntar ao commentario do canto 1.º; todavia passo ao 2.º para não dar grande desenvolvimento á critica, e porque o que ahi fica é já bastante para começar a fazer suscitar no animo dos leitores sérias suspeitas ácerca do valor da edição do sr. Amorim.

As emendas que o sr. Amorim faz ao poema são ás vezes verdadeiras caturrices. Assim, por exemplo, tendo Camões no cant. II, est. 5,

> Cumprirá sem receio *seu* mandado

para que havia elle de accrescentar a *seu* o arti-

go *o?* O sr. Amorim sabe com toda a certeza que o artigo possessivo se emprega a cada passo, em dadas circumstancias, sem ser precedido de *o*. Parece-me inutil accumular aqui muitos textos comprovativos de tal emprego, pois elles apparecem tão frequentemente; todavia ministrarei dois: um de Ferreira (ed. 1771, t. II, pg. 44)

Seu tempo *seu* desejo baixo e vil;

outro, do proprio Camões (elegia III, ed. da *Actualidade*)

.......................se queixava
De *seu* escuro e triste nascimento.

Na est. 12 escreveu Camões, segundo a linguagem do seu tempo:

Põem em terra os *giolhos*, e os sentidos
Naquelle Deus......................

e o sr. Amorim não só substitue *giolhos* por *joelhos*, mas accrescenta este formidavel commentario: «Todos lêem *giolhos*, no v. 3, que póde ser muito bonito; mas que eu não usarei, salvo quando obrigado pela rima» (Pg. 260). Pondo de parte a fórma empregada pelo nosso auctor, que é impropria da gravidade do assumpto, vê-se que s. ex.ª não dá razão nenhuma séria para supprimir a palavra *giolhos*. Será *giolhos* um archaismo anterior a *joelhos*? Será uma alteração d'esta? Nada nos diz s. ex.ª; apenas observa que NÃO ACHOU BONITA tal expressão, como se um critico tenha de regular-se unicamen-

te pelas suas opiniões, pelo seu mero gôsto subjectivo, e não pela realidade dos factos. A palavra *giolho* representa um deminutivo do lat. *genu* (cfr. fr. arch. *genouil*), e não só se encontra em muitos AA. antigos, quer poetas, quer prosadores, como tambem ainda no povo da Beira-Alta, etc., o que prova a vitalidade d'ella. Dos AA. antigos lembrarei Sá de Miranda (ed. Michaelis):

> E o que não podem ousar
> De lêr se em *giolhos* não (Pg. 243).

Nos seguintes vê-se mesmo que a palavra rima:

> Mas posta de *giolhos*
> A vós os *olhos*: tudo mais são nadas (Pg. 541).

O sr. Amorim esquece ordinariamente os usos da lingua; s. ex.ª não devia criticar Camões sem ter a certeza de que as phrases que nelle suppõe erradas se não encontram noutros AA. O resultado d'este esquecimento é dar-nos elle como anómalo ou como falso o que é regular e verdadeiro.

Mais um exemplo. Na est. 14 disse Camões:

> *Dentro no* salso rio entrar queria

que o sr. Amorim commenta: «*Dentro no salso rio* lêem todas as [edições] no v. 8. Escrevo *do* convencido de ser esta a lição do poeta. Se elle quizesse dizer *no rio*, não escreveria *dentro*» (Pg. 261). Mas *dentro no* em vez de *dentro do* é boa linguagem portuguesa, como mesmo se

vê dos AA.; nas *Varias Rimas* de Diogo Bernardes (ed. 1608, eleg. 1) lê-se tambem

> De mi, por quem vós sois, me defendei
> E do mais que de vós minh'alma aparta;
> *Dentro no* vosso lado a recolhei.

Na est. 18 dos *Lusiadas* está o seguinte:

> Inclinam para a barra *abalisada*;

mas o sr. Amorim emenda a ultima palavra em *balisada*, «para que se entenda bem que a barra estava assignalada por balisas, e não que era barra notavel ou distincta» (Pg. 264). Em primeiro logar, a acepção de *abalisada* no sentido de *distincta* e *notavel* provém da idéa material de *balisa*, e a semelhança das vozes não é motivo para que uma se modifique arbitrariamente, como se não modifica tambem por exemplo *ponto*, que tem uns poucos de significados; em segundo logar, *abalisada*, neste sentido metaphorico, não se emprega com propriedade a respeito de uma barra, portanto aqui não ha confusão; em terceiro logar, *abalisada*, no sentido de *marcada por balisas*, é usual, como se vê d'este exemplo de Sá de Miranda (cit. ed., pag. 451)

> Ca nos deixou o caminho *abalisado*

a que eu poderia juntar mais.

Na est. 23 tinha o nosso epico

> Taes andavam as nymphas, estorvando
> *A gente* portuguesa o fim nefando...

e o snr. Amorim emendou a primeira phrase do segundo verso em *da gente*, porque não era «possivel acreditar que o poeta assim escrevesse» (Pg. 269). Eu não me admiraria muito se o sr. Amorim mostrasse desconhecimento da lingua archaica, porque esta só se aprende em condições muito especiaes; mas, realmente, nem ao menos o sr. Amorim estar ao correr da lingua moderna é caso para devéras lamentar. Pois então não se usa tão frequentemente em português *a* (e seus equivalentes) em vez de *de* em phrases como estas: «estorvei-*lhe* os intentos (=estorvei os intentos *d'elle)*, castiguei os erros *a este* sujeito (=*d'este*), etc. etc...? Como o sr. Amorim é sincero admirador de Garrett, aqui tem tambem um exemplo colhido nelle (poema *Camões*, cant. V, est. 11), nuns versos que toda a gente sabe de cór, ou pelo menos conhece:

> O' Cintra! ó saudosissimo retiro,
> Onde se esquecem mágoas, onde folga
> De se olvidar no seio *á natureza*
> Pensamento que imbala adormecido
> O sussurro das folhas...............

Ora, tanto em *estorvar o fim á gente*, como em *olvidar-se no seio á natureza*, *á* vale *da*. Mas o mais interessante é que o proprio sr. Amorim usa a mesma syntaxe algumas linhas adeante, a proposito da est. 25: «ou a agua do mar da Cochinchina *lhe* apagou de tal modo os caracteres...»—onde *lhe*, que equivale a *a elle*, está em vez de *d'elle*. D'aqui se conclue que o que a

agua do mar da Cochinchina apagou foi a memoria do sr. Amorim, o qual combate nos outros loçuções de que elle mesmo se serve!

Na est. 35 torna-nos a apparecer *rosto* em vez de *gesto*. Camões disse:

> Tão formosa no *gesto* se mostrava,
> Que as estrellas, o ceu e o ar vizinho
> E tudo quanto via a namorava...

O sr. Amorim substitue *gesto* pela palavra *rosto* e accrescenta: «No v. 2 é impossivel deixar ir *gesto* em vez de *rosto*, como todas [as edições] lêem. Ninguem me pode convencer de que tão altissimo poeta fosse o auctor da troca. Elle escreveu *rosto*, e eu assim restabeleço» (Pg. 277). De passagem notarei ao sr. Amorim que para corrigir Camões é necessario mostrar um pouco de cuidado no phraseado: ora *tão altissimo* não é português. Mas vamos ao ponto discutido. Mais uma vez direi que o sr. Amorim se não deu ao trabalho de fazer estudos comparativos serios a respeito da linguagem de Camões; senão reparem os leitores bem: Camões diz naquelles versos que Dione, indo-se d'entre as nymphas, se mostrava tão formosa no *gesto*, que

> ...tudo quanto via *a namorava*,

e o sr. Amorim nega formalmente que Camões escrevesse *gesto*; mas Camões na Egloga 1.ª (ed. da *Actualidade*, pg. 14) tem quasi as mesmas palavras:

> Formosas Nymphas vejo na verdura,
> Cujo divino GESTO O CÉO NAMORA...

Nem ésta coincidencia de situações convencerá o sr. Amorim de que o poeta empregou *gesto* e não *rosto?* Ha mais. Na egloga 2.ª, pg. 21, torna Camões a dizer de outra nympha:

> Não é a gentileza
> De teu *gesto* celeste
> Fóra do natural?

E a pg. 24 da mesma composição:

> Mas Echo, NAMORADA DE TAL GESTO

onde outra vez entra a ideia de *namorar*. E a pg. 38 da egl. 3.ª:

> Os guardadores que, cantando o *gesto*
> Formoso e *honesto* das pastoras que amam.

E na elegia 2.ª, pg. 16:

> Despois que a deusa em pedra converteu
> De seu humano *gesto* verdadeiro,
> A ultima voz só lhe concedeu...

Em todos estes exemplos, incluindo o que o sr. Amorim sem razão corrige, *gesto* tem o sentido de *conjuncto de feições*. Na egloga 3.ª, pag. 44, ha ainda:

> Vês as nymphas do Tejo, que mudando
> Me vão já pouco a pouco, o claro *gesto*
> Noutra mais dura fórma traspassando

em que *gesto* se póde entender como *rosto*. — E' inutil accrescentar mais casos.

Na est. 29 escreveu Camões:

> C'um delgado sendal as partes cobre
> De quem vergonha é natural reparo...

O sr. Amorim emendou *de quem* em *de que*, sem reparar na funcção grammatical de *quem;* este pronome, com a preposição *de*, póde ter alli, quanto a mim, a significação de *d'ella* (ou *d'aquella de quem)*, vindo pois os versos a ser: «cobre as partes d'ella, de quem é natural reparo (i. é, «cobertura, resguardo» etc.) a vergonha». Este phenomeno de absorpção de sentido dá-se tambem na seguinte passagem da comedia *Bristo* de Antonio Ferreira (ed. 1771, pag. 14): «Verdadeiramente muito deve a Deos, *a quem* elle deu filhos manços», o que significa: «muito deve a Deus *aquelle a quem* elle etc.»; portanto, assim como, em cima, *de quem* quer dizer *d'ella de quem*, assim neste caso *a quem* quer dizer parallelamente *aquelle a quem*. No texto da *Bristo* não ha erro, pois eu verifiquei a passagem na ed. de 1622, que é tida como *princeps* (existe na Bibliotheca Nacional): só lá está *elles* em vez de *elle* por êrro manifesto. — E' verdade que, como em português archaico, e ainda hoje em certos casos, o pronome *quem* se refere ás vezes a cousas, pódem tambem os versos interpretar-se á lettra. Com qualquer das hypotheses, porém, não acho motivo para a emenda do sr. Amorim, tanto mais que ella, ou dá um sentido diverso d'aquelle que Camões quis exprimir, ou falseia a grammatica do poeta. — Abundam nestes commen-

tarios factos semelhantes; como eu me não propus a analysar a obra toda, pelos motivos que já dei, não os posso indicar por completo, todavia aqui deixo um, muito caracteristico, do canto IX, est. 93. Disse Camões:

> E ponde na cobiça um freio duro
> E na ambição tambem, que indignamente
> Tomaes mil vezes; e no torpe e escuro
> Vicio da tyrannia infame e urgente,
> Porque essas *honras vãas*, esse *ouro puro*
> Verdadeiro valor não dão á gente:
> Melhor é merecê-los sem os ter,
> Que possui-los sem os merecer.

O Sr. Amorim emendou *ouro puro* em *oiro impuro*, porque «se o poeta qualificava as honras de *vãs*, não podia escrever em seguida *oiro puro*, tanto em vista do que dissera antes, como do que depois acrescenta» (Pg. 216). Chego a pasmar de tudo isto! Aqui ha dois erros: um de sentido, outro de lingua. Ha um èrro de sentido, porque, *tanto em vista do que está antes, como do que depois se accrescenta*, Camões quer dizer effectivamente *ouro puro*: em vista do que está antes, pois que se refere a *cobiça* e *ambição*, e ninguem tem cobiça e ambição de ouro impuro, mas sim de OURO MUITO PURO; em vista do que está depois, porque seria um absurdo imaginar que alguem deseja *merecer ouro impuro* ou *possui-lo*. Vejamos agora o êrro de lingua. O sr. Amorim tomou a palavra *vãas* (ou *vãs* na sua orthographia) como synonima de *vazias* e *ôcas*, e foi por isso que não comprehendeu os versos; mas, se s. ex.ª se désse ao in-

commodo de fazer estudos comparativos, concluiria que tal palavra não tem aqui essa significação, e sim a de *vaidcsas*. No *Dicc. da Ling. Port.* de Moraes dão-se os seguintes exemplos d'esta ultima accepção: «soldado mais *vão* que a mesma *vaidade*» (Miranda, *Estrangeiros*); «mais *vão* que um pavão» *(Eufrosina)*. A estes exemplos junto eu mais um que encontrei em Antonio Ferreira (Liv. I, carta X, pg. 47 do vol. II, ed. cit.):

> Procura honras, estados e altezas,
> Ambicioso *vão*, farta esse peito...

e mais outro que me offerece Bernardes na carta III:

> Enchendo peitos *vãos* de *vaidade*...

Já se vê que *ambicioso ôco, vazio*, seria uma contradicção, ao passo que *ambicioso vaidoso* comprehende-se. Eu podia fazer remontar mesmo esta significação ao latim, mas os exemplos citados bastam. Agora percebe-se que Camões, quando escreveu

> .... essas honras vãas, esse ouro puro
> Verdadeiro valor não dão á gente:
> Melhor é merecel-os sem os ter,
> Que possuil-os sem os merecer,

quis dizer: *honras* QUE ENCHEM DE VAIDADE *os que as possuem;* porque taes honras é que é melhor merece-las sem as ter, do que tê-las sem as merecer. O *ouro puro* está exactamente no mesmo caso. Porque é, pois, que o Sr. Gomes de Amo-

rim se deixou levar só da sua phantasia, e não estudou a questão nos termos em que eu a ponho?

A emenda que o sr. Gomes de Amorim fez na est. 38, do c. II, não a julgo tambem acertada. Lia-se lá:

> E se torna entre alegre magoada;

o nosso auctor accrescentou um *e* a *alegre*, de modo que ficou *entre alegre e magoada*. A razão que dá é: «O *e* deve ter cahido na composição; Camões não fazia o verso sem elle» (Pg. 281). Mas a mim parece-me que o sentido se comprehende bem sem o *e*, pontuando-se assim:

> E se torna, entre alegre, magoada...

i. é, *torna-se magoada entre alegre,—fica ao mesmo tempo um tanto alegre, um tanto magoada*. Não se me objecte que *entre* precisa de dois termos; de facto tambem se diz *entre choroso*, *entrefino*, *entrebranco* etc. Assim como nós dizemos hoje «F. estava *entre choroso*», tambem Camões podia dizer, como disse, que a deusa *se torna*, *entre alegre*, *magoada*.

Na est. 41 tinha Camões, segundo a linguagem do seu tempo:

> Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
> Que pois eu fui...

O sr. Amorim altera *moura* em *morra* (de maneira que até fica um cacophaton horrivel),

e mostra que não entende o *que pois eu fui*. Vamos ao primeiro caso. A razão que s. ex.ª dá para substituir *moura* é interessantissima; diz elle: «Se se tratasse de *mouras encantadas*, ainda poderia explicar-se o gosto...». Isto parece impossivel, mas está escrito a pg. 282. Ora toda a gente sabe que *moura* e *moira* são fórmas archaicas correspondentes ao lat. **moriat (=moriatur)*. Ellas, e outras semelhantes, apparecem em muitos AA. de boa nota, por exemplo: Bernaldim Ribeiro, egloga 2.ª: «*moiro-me* assim»; Diogo Bernardes, *Bom Jesus*, ed. 1608, fol. 1: «que *moura* aqui por vós», e fol. 3, «de não morrer por elle, *mouro* agora»; Ferreira, I, 171: «Inda que viva, inda que *moura*», e 72 «mais *mouro*, mais vivo»; Sá de Miranda, pg. 246: «que o tempo não quer que *moura*»; o proprio Camões disse na egloga 2.ª, em rima com *louro* e *ouro*:

> Outra cousa de mi, senão que *mouro*.

Já se vê, portanto, que se não tracta de *mouras encantadas*.—Vamos agora ao segundo caso. Escreve s. ex.ª: «*Que pois eu fui*... é similhante ao *Quos ego* de Virgilio, na *Eneida*; e uzado com a mais apropriada elegancia» (Pg. 282). Não era pouco que o sr. Amorim desconhecesse, como temos visto, o uso do português moderno e o uso do português antigo; quanto mais ainda vir tambem perder-se nas sinuosidades do latim! S. ex.ª não cita a passagem da *Eneida*, mas refere-se certamente ao L. I, vv. 133-135:

> Iam caelum terramque meo sine numine, venti,
> Miscere, et tantas audetis tollere moles?
> Quos ego!

Reproduzamos os versos de Camões:

> Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
> Que pois eu fui...

Em ambos os casos houve o que em rhetorica se chama *aposiopése* (reticencia), mas basta ter leve conhecimento de grammatica para ver que *quos* é um accusativo, e que por tanto não é comparavel ao *que* camoneano. O sr. Amorim podia, como muitos, não ter entendido a funcção d'este *que*, a qual não é effectivamente clara, mas não devia fazer a comparação que fez com o latim. A phrase *que pois*, ou equivalente, não é unica; eu encontrei na elegia III do proprio Camões mais dois casos:

> O' fugitivas ondas, esperae:
> *Que pois* me não levaes em companhia,
> Ao menos estas lagrimas levae!

> *Que pois* de todo vive consumida,
> Porque o mal, que possue se resuma...
> Imagina na gloria possuida:

D'estes exemplos se vê que a phrase tem significação correspondente a *já que*, *visto que*, etc. Esta minha interpretação confirma-se ainda de algum modo com os versos dos *Lusiadas* na estancia antecedente áquella em que está o *pois que:*

> Ora, pois, porque o amo, é maltratado,
> Quero-lhe querer mal, será guardado.

*

O modo de construir assemelha-se mais ou menos a:

> Mas moura emfim nas mãos das brutas gentes,
> Que pois eu fui...

Quer dizer: *Venus, notando que o povo português, por ser amado por ella, é maltratado dos deuses, affirma agora que lhe quer mal, para que o effeito seja tambem inverso do primeiro*, isto é, para que os deuses se mostrem benevolos; logo depois porém, por uma transição brusca, muito propria de quem está fallando exaltadamente, e com dúvidas ácerca do que obterá, exclama despeitada: *deixa-lo morrer, já que eu fui por consequencia*... (a causa, etc.). Em ultima analyse, *que pois* póde até substituir-se pela phrase invertida *pois que,* como o leitor facilmente verifica nos exemplos dados acima.—E' por isso absurda a comparação com *quos ego*.

O snr. Amorim não é só infeliz nas suas emendas, é-o tambem nas suas explicações. Assim, a respeito do verso (est. 42)

> Que moveram de um tigre o peito duro

escreve elle: «*Que moveram* quer dizer *que moveriam:* por exigencia do metro, serviu-se da syncope» (Pg. 285. cfr. a errata do vol. I). *Syncope* significa, em grammatica, *suppressão;* ora, pergunto eu, que suppressão houve aqui? Só o sr. Amorim seria capaz de chamar *syncope* ao emprêgo syntaxico de uma fórma verbal por outra. Mas que triste ideia tem da linguagem

quem imagina que um poeta póde alterar a seu bel-prazer a phrase para obedecer ao metro e á rima! As alterações que se fazem em poesia são de harmonia com o uso ou com a historia da lingua; as excepções são muito raras, e ainda assim ordinariamente por analogia com outras alterações reaes. Nas nossas aulas de português ensina-se a cada passo que, por exemplo, *Mavorte*, *imigo*, *veloce*, *inda*, *esprito*, etc., são *figuras poeticas*, i. é, artificios para acertar os versos; mas não ha nada mais falso, e só grande desconhecimento do assumpto póde levar a proferir taes heresias: de facto, *Mavorte* vem de *Mavors -ortis; imigo* encontra-se muito na prosa, por ex. em Fernão de Oliveira (*Grammatica*, 2.ª ed., pg. 11, etc.); *veloce* é um latinismo poetico vulgar nos prosadores quinhentistas, por exemplo em Miranda, pg. 418, etc; *inda* é a fórma anterior de *ainda*, e hoje emprega-se vulgarmente, do mesmo modo que *esprito*, que d'antes se empregava mesmo em prosa, se emprega hoje com muita frequencia no povo. O sr. Amorim pertence tambem á *eschola velha*, e é por isso que no uso corrente de *moveram* por *moveriam* não vê mais do que uma *syncope* «por exigencia do metro»!

Eis aqui mais um exemplo dos processos criticos de s. ex.ª. Na mesma est. 42 ha o verso

> De modo que d'ali, se só se achára

com o qual o sr. Amorim estacou não sei porquê. O commentario que lhe faz é o seguinte: «Acaso não diria.... em vez do que está:

De modo que se só ali se achára

ou

E se com ella só ali se achára?» (Pg. 283).

Vêem os leitores que o sr. Amorim propõe á vontade uma emenda ou outra, não só sem motivo, mas sem invocar nenhum criterio. D'esta maneira os *Lusiadas* podiam ser emendados em todos os versos; e, ainda mais, quanto ha escrito podia soffrer refundição. S. ex.ª regula-se pelo seu ouvido e pelo seu gôsto; ora, como não ha dois gôstos nem duas sensibilidades absolutamente iguaes, segue-se que, desde o momento em que s. ex.ª se decidisse a fazer uma revisão das obras litterarias em geral, alteraria tudo. E não se cuide que eu exaggéro. O sr. Amorim fez nos *Lusiadas* mais de QUATROCENTAS E CINCOENTA emendas; e não contente com isto propõe ainda que se façam mais DUZENTAS E DUAS. Parece incrivel, mas é verdade. Quando isto é para uma obra impressa ha tres seculos, em vida do auctor d'ella, que faria se o sr. Amorim tentasse rever as obras da antiguidade classica e da idade-media, que só chegaram até nós em manuscrito?

Na est. 47 tinha Camões:

Vereis este que agora pressuroso,
Por tantos *medos* o Indo vae buscando.

O sr. Gomes de Amorim alterou o ultimo verso d'esta maneira:

Por tantos *mares* o Indo vae buscando

e accrescentou com ar prophetico: «.... para mim, não é só duvidoso, é certo, que deve lerse *mares* em vez de *medos*» (Pg. 286); dizendo mais: que Vasco da Gama não era nenhum *fracalhão ridiculo*, nem nenhum *paspalhão* (vejam os leitores que linguagem tão conveniente!) que se apavorasse! Ora foi, exactamente, por elle ter passado além de tudo o que para os homens constituia *medo*, i. é, *perigo*, que se revelou heroe. Bastava ter o sr. Gomes de Amorim raciocinado um pouco, para deixar de fazer a estranha alteração que fez. Além d'isso, outras passagens existem no poema que confirmam este modo de expressão. No cant. VI, est. 82, lê-se:

> Se tenho NOVOS MEDOS perigosos
> D'outra Scylla e Charybdis já passados...

Nem com a repetição da palavra se convence o snr. Amorim,— que neste ponto tem tambem o arrojo inaudito de emendar *medos* em *mares!* E comtudo, o proprio Camões está a encaminhá-lo, pois no mesmo cant. VI, est. 95, diz:

> Por meio d'estes horridos perigos,
> D'estes trabalhos graves e *temores*
> Alcançam os que são de fama amigos
> As honras immortaes e gráos maiores...

Aqui não é *medos*, é *temores*, mas vê-se que isso nada faz ao caso, em virtude da identidade da ideia. Mas eis outra passagem, que aclara ainda mais a questão, se é possivel (c. IX, 16):

. . . . commettendo os duros MEDOS
Do MAR incerto . . . .

Depois d'esta citação, é impossivel que ao sr. Amorim restem dúvidas.—Com uma phraseologia semelhante, disse tambem Sá de Miranda (ed. já cit., pg. 546):

E desque bem se afirmava,
Saído d'aquele *medo*,
Contra nós co rosto ledo
Em som de cantar tornou.

De um lado o sentido e do outro os textos confirmam pois a minha censura.

Na est. 54 estava:

Levando o *idololátra* e o moiro prêso

e o sr. Gomes de Amorim transtorna assim o verso:

O *idolatra* levando, e o moiro, prêso.

Não contente com substituir *idololatra* por *idolatra,* ainda em cima altera a ordem das palavras, e commette a imprudencia de accrescentar que não só *idololatra* é «mal soante», mas que, «ainda que o esfolem vivo» (!!), não crè que Camões escrevesse tal palavra. O sr. Gomes de Amorim porfiou em accumular constantemente contrasensos sobre contrasensos, e já agora não ha que esperar outra cousa, infelizmente. A palavra *idololatra* não tem nada de extraordinario, porque assenta no latim *idolo-*

latria: e que extraordinaria podia ella ser na nossa lingua, se nós dizemos a cada passo *zoolatria*, *astrolatria*, *litholatria,* etc.? A composição é a mesma: *idololatria* (idolo-latria) está para *idolo,* como *astrolatria* (astro-latria) para *astro*, e assim por deante. A palavra *idolatra* é que é pelo contrário uma fórma alterada pela pronúncia. Camões tambem usa d'ella noutros pontos, mas isso não é motivo para repellirmos *idololatra*; do mesmo modo elle usa de *Marte* e *Mavorte*, duas fórmas distinctas, aquella do lat. *Mars,-artis*, e ésta do lat. *Mavors,-ortis*. —No citado verso camoneano a pronúncia tem de ser *idololátra* em vez de *idolólatra*, mas isso é para o nosso caso uma questão secundaria, pois, ao passo que hoje dizemos *autócrata*, dizemos juntamente *democráta*, quando devia haver conformidade de accentuação.—Fica assim demonstrado que a emenda do sr. Amorim é infundada,—como todas as mais.

Na est. 55 tinha Camões:

> De modo, filha minha, que *de geito*
> Amostrarão esforço mais que humano...

O sr. Gomes de Amorim emenda *de geito* em *de feito*, sem ao menos reparar no cacophaton (*de feito*=defeito)! e a razão que dá é que «*de modo que de geito* não pode ser de Camões» (Pg. 293). *Ipse dixit!* é quanto basta. Mas o poeta não diz *de modo que degeito*, diz *de modo*, *filha minha*, *que de geito amostrarão*, etc., o que differe, pois que *de modo* liga o sen-

tido d'esta estancia com o da antecedente, e *de geito* modifica *amostrarão*. Quantas vezes não emprega Camões *de geito!* Por exemplo (ed. da *Actualidade*):

> ....não sabia
> Que me senhoreavas *d'este geito*. *Soneto* 100.
>
> Oh Hippolyto casto, que *de geito*
> De Phedra, tua madrasta, foste amado. *Soneto* 106.
>
> Se vós me daes a vida *d'este geito*
> Nos males que padeço.......... *Canção*, *pag. 10*.

A correcção *de feito* não tem pois nada que a recommende.

Na est. 63 (do mesmo c. II) disse Camões:

> Gasalhado seguro te daria,
> E, para a India, *certa e sabia* guia.

O sr. Amorim transformou *certa e sabia guia* em *certo e sabio guia*, porque «a *minha guia*, se nos referirmos a homem, é tolice» (Pg. 298). Já não sei como hei-de commentar o sr. Amorim, pois só o vejo escrever inconveniencias. Se de um homem se não póde dizer *tu és a minha guia*, tambem se não póde dizer, por ex., *João foi uma boa testemunha*, e comtudo diz-se! Embora hoje mais frequentemente se use de *meu guia*, em relação ao masculino, todavia *minha guia* não é tolice, como o sr. Amorim affirma, e tal phrase apparece nos AA; em italiano a palavra *guida*, que corresponde á nossa, tambem é feminina, embora se refira ao masculino. De mais a mais, se houvesse êrro typographico, não

sería provavel que elle se manifestasse logo em duas palavras *certa* e *sabia*: quero dizer, se Camões tivesse escrito *certo e sabio guia*, como o snr. Amorim falsamente suppõe, de geito o typographo alteraria os dois adjectivos ao mesmo tempo, e então teriamos *certa e sabio guia* ou *certo e sabia guia*. Por isto, pelo uso dos outros AA., e pela comparação com *testemunha*, e com o italiano, fica claramente provado que o texto dos Lusiadas está bem.

Na est. 70 lê-se:

> E, como o Gama muito desejasse
> Piloto para a India, que buscava,
> . . . . , ...
> . . . dizem-lhe todos que tem perto
> Melinde, onde *acharão* piloto certo.

O sr. Amorim emendou *acharão* em *achará*, porque «o agente d'esta oração é o Gama», e increpa os commentadores e editores que deixaram estar como estava. Effectivamente á primeira vista, e a quem ler com pouca attenção. parece que a syntaxe pedia *achará;* comtudo o sr. Amorim devia notar que Camões, na primeira parte da estancia, falla do Gama, e que por tanto põe os verbos naturalmente no singular; e que na ultima parte falla dos Moiros, relatando o que estes responderam ao capitão português: ora, como o Gama representa toda a armada, claro está que os Moiros, dirigindo-se-lhe, podiam empregar o verbo no plural, pois tanto o tinham em vista a elle como aos compa-

nheiros tambem. Assim os versos hão-de entender-se d'este modo: «como o Gama desejasse piloto para a India, os Moiros dizem-lhe todos que [elle e os companheiros] *tem* (=teem) perto Melinde onde *acharão* piloto certo». Logo a emenda do sr. Amorim não tem o minimo fundamento.

Na est. 85 disse Camões:

> Louvavam muito o *estomago* da gente

e o sr. Amorim substitue *estomago* por *animo*, e commenta o facto com umas palavras tão grosseiras e tão insensatas que ate tenho pejo de as transcrever. Bastava o sr. Amorim abrir o *Vocabulario* de Bluteau, s. v., que lá acharia: «*Estomago* no sentido moral: Fulano tem *estomago* para tudo. Estas coisas não me fazem bom *estomago*», e a phrase da *Monarchia Lusitana*, I, 189, col. 3: «A quem esta nova não fez bom *estomago*». Tudo isto tambem ainda hoje se diz, e no emtanto o sr. Amorim atreve-se a riscar do texto camoneano a palavra *estomago!* Com a mesma ordem de ideias se liga a fórma familiar moderna *estomagar-se*. Em latim tambem a palavra *stomachus* tem o sentido moral de *gôsto*, *desejo*, alem de outros, e ha nessa lingua, como na nossa, *stomachari;* em italiano diz-se *contro a stomaco* (=de má vontade) e *fare stomaco*, *stomacare*, *stomacarsi*, egualmente em accepção moral; em hispanhol *estómago* «metaphoricamente se suele usar por *valor*, *resolución*», diz o *Dicc.* da *Acad. esp.;* em francês *s'estomaquer*

liga-se ainda com a mesma ordem de ideias. O sr. Gomes de Amorim gosta de fechar os olhos á luz da evidencia, e de só os abrir entre as sombras do êrro.

Na est. 102 escreveu o poeta:

> Que já ouviu dizer que noutra terra
> Com gente da sua lei *tivesse* guerra.

O sr. Amorim substitue *tivesse* por *tivera*, e faz a seguinte nota: «*Tivesse guerra*, lêem todos. E' evidente o erro typographico. O poeta deve ter escrito como eu; e não com a falta de syntaxe, que lhe imputam» (Pg. 324). O sr. Amorim não é para meias medidas; condemna sempre sem appellação. Mas o peor é que o proprio Camões, nas *Oitavas*, I, pg. 130, diz:

> E ao longe de uma clara e pura fonte
> Que, em borbulhos nascendo, convidasse
> Ao doce passarinho, que nos conte
> Quem da cára consorte o *apartasse*...

onde se vê *apartasse* em vez de *apartára*, — o que destroe a affirmação do sr. Gomes de Amorim.

Na est. 105, onde Camões tinha

> As estrellas e o sol der *lume* ao mundo

o sr. Amorim substituiu *lume* por *luz*, porque *dar lume* quer dizer *dar calor*, e aqui a ideia é de *luz!* O sr. Amorim nem ao menos reparou que o verbo *alumear*, que significa *dar luz*, vem

de *lume!* Com relação a outros textos, basta que eu cite Sá de Miranda (pg. 537):

> Dai *lume* á escura vista, antes á cega...

e o proprio Camões (od. XII):

> O ceu desimpedido
> Mostrava o *lume* eterno das estrellas...

E' tambem vulgar esta expressão: *ter lume nos olhos*. Por tanto *lume* não quer dizer só *calor*.

Aqui termino as minhas considerações ácerca dos dois primeiros cantos, tendo-me limitado, ainda assim, por falta de espaço e de paciencia, á discussão dos pontos principaes. Se em dois unicos cantos eu encontrei tantos erros que condemnar, calculam bem agora os leitores o que sería se eu analysasse por inteiro o commentario de todos os dez cantos! Mas desejo fazer ainda algumas considerações geraes, antes de encerrar o meu trabalho.

Um dos factos que mais me impressionou ao ler o commento do sr. Amorim foi ver que s. ex.ª se serviu constantemente de linguagem pouco em harmonia com a seriedade do assumpto. Passo por alto o tom geral da *Introducção*, que tem mais fórma de palestra familiar, á Castilho, do que de critica bibliologica; mas quero citar algumas phrases avulsas. No vol. I. pg. 153: «só se eu julgasse que Luiz de Camões *estava idiota*, quando escreveu similhante verso... *deitar fóra esta parvoice*, etc.». E o que é

mais para estranhar é que o sr. Amorim não tem nunca por fim depreciar Camões! A pag. 253 e 280: «quem tiver *pachorra*». A pg. 302: «E foi talvez por isso que o poeta lhe *virou os pés para a cabeceira*». A pg. 305: «Quanto ao *assi*, mando-o passear». A pg. 306: «... heroes gregos, que não faziam cousa nenhuma sem *comesaina*». A pg. 315: «Para aggravar a *asneira*». «A pg. 326: «Carecem de cunhas os v. 3 e 5, para não manquejarem, como o auctor [Camões] manquejou de um olho». Nem a desgraça do poeta o commoveu; antes lhe serviu de pretexto para zombaria! A pg. 279-280: «... bem se póde prometter um doce a quem tirar d'ali uma opinião a limpo». No vol. II, a pg. 40: «Reduzidos os *Lusiadas* a esta linguagem, teriamos UM BOM POEMA SALOIO». A pg. 125: «é ridiculo, *chôcho*». A pg. 250: ando perdido *no meio de tanta asneira*. E assim por deante; escuso de fazer mais citações fastidiosas.

Se publíco apenas a anályse das notas do cant. I e II dos *Lusiadas*, não quer isto dizer que eu não percorresse com attenção todas as observações philologicas do sr. Amorim; mas para critica summária parece-me que basta o que ahi fica. De todas as alterações que o sr. Amorim introduziu no poema, as que me parecem menos dignas de censura são as seguintes. Trata-se das mulheres que ficavam na praia a clamar á partida de Vasco da Gama; e lê-se no c. IV, est. 92:

> Nestas e outras palavras, que diziam
> . . . .
> Os velhos e os meninos *os* seguiam...

O sr. Amorim emendou *os* em *as*, porque suppôs haver referencia directa ás mulheres. Na mesma est. lê-se tambem:

> A branca areia as lagrimas banhavam
> Que em multidão com *ellas* se igualavam.

O sr. Amorim substitue *ellas* por *ella*, por querer que haja concordancia com o singular *areia*, que está antes.—No segundo caso creio que o poeta considerou *areia* como collectivo, tendo antes em vista a pluralidade dos objectos do que o seu conjuncto, e por isso usou de *ellas* logo adeante, para de algum modo estabelecer conformidade e symetria entre *lagrimas* e *areias*, comparadas reciprocamente umas ás outras; já vimos exemplos semelhantes noutros pontos, e eu poderia ainda reunir mais. No primeiro caso, com quanto o rigor syntaxico pareça reclamar effectivamente *as*, todavia talvez se possa defender o texto, interpretando o *os* como referido não só ás *mulheres* que acabavam de gritar, mas tambem aos *homens* mencionados na est. 89. Teriamos assim: de um lado, os *homens* suspirando e as *mulheres* lastimando-se; do outro, como correspondencia, os *velhos* e os *meninos* a segui-los. Ainda assim, como a minha critica não tem de modo algum por objecto pôr a tractos o sr. Amorim, mas apenas chegar á verdade, devo dizer lealmente que pelo menos a primeira emen-

da me não parece de todo desacertada, porque é, descrevendo as lamentações das mulheres, que Camões se refere sem interrupção aos velhos e meninos, e porque, com os versos 5.º e 6.º da est. 89, e o 4.º da est. 92, dá a entender que estabelece opposição, de um lado, entre os *homens* (que só suspiravam) e do outro, entre as *mulheres* («que o temeroso amor mais desconfia») e os *velhos e meninos* («em quem menos esfôrço põe a idade»): assim, á firmeza dos varões, como seres mais fortes, oppõe a fraqueza em commum nas mulheres, velhos e creanças.

Em compensação, porém, o sr. Amorim até ás vezes substitue palavras de Camões, genuinamente portuguesas, por barbarismos; temos um exemplo no cant. VIII, est. 92, onde estava *fazenda* VENDIBIL, que o nosso auctor transforma em *fazenda* VENDAVEL; ora *vendavel* é um gallicismo (fr. *vendable*), tanto mais repugnante quanto é certo que temos em bom vernaculo *vendivel* (lat. *vendibilis*), e que aos verbos da 2.ª conjugação não correspondem adjectivos em *-avel* (só proprios da 1.ª), mas sim em *-ivel* (arch. *-ibil*), como se vê em *temivel, crivel, appetecivel*, etc.

De maneira que o sr. Gomes de Amorim escreveu 2 volumes in-8.º, um de 527 pg., e outro de 455 pg., de que fez mais tres edições, em papel Japão, Whatman e pergaminho, e uma edição menor DESTINADA ÁS ESCHOLAS (!), de 391 pg. [1], —apenas para nos apresentar UMA

[1] A' frente d'este volume está a seguinte dedicato-

UNICA EMENDA, ou, se quiserem, DUAS, que, apesar de não serem totalmente infundadas, são ainda assim incertas! Eu percorri attentamente, como disse, todos os commentarios linguisticos do sr. Amorim; pois, com excepção do que deixo dito, não julgo acceitavel NEM UMA SÓ DAS EMENDAS que s. ex.ª propõe. Aquellas mesmas que s. ex.ª supporá intuitivas, como *algido medo* em vez de *alegre medo* (IV, 26) (1), *caminha* em vez de *caminham* (VII, 45) (2), *aguas tumidas* em vez de *aguas humidas* (VIII, 48) (3), *porque os mandou* em vez de *porque mandou* (X, 144) (4), e todas as outras, podem refutar-se com os textos. Uma edição critica dos *Lusiadas* não consiste em os

---

ria: «Ao povo e á juventude das escholas: a mais CORRECTA edição que até agora se fez dos Lusiadas». Ficaria consoantemente á verdade se se dissesse *incorrecta* em vez de *correcta*. Mas o que eu mais admiro é o arrojo do dedicante.

(1) Camões empregou aqui *alegre* correspondentemente ao latim *alacris* (ou *alacer*), no sentido de *agitado*, *vivo*, etc., e não no sentido de *contente*. Poderia alguem citar-me tambem o c. IX, 16, onde o poeta diz: *os duros* MEDOS *timidos e* LEDOS; mas aqui vê-se que elle quis estabelecer antithese: *medos* (=perigos), *ora timidos*, *ora ledos*. Pelo menos é o que a mim me parece.

(2) No caso presente a construcção syntactica é analoga á que se observa em outras passagens do poema.

(3) Vid. tambem *humido rocio* em G. P. de Castro, II, 48. Os pleonasmos semelhantes abundam em Camões, por ex.: *escura treva* (quando falla do Velloso), etc.

(4) Aqui *mandou* está dito de modo geral; cfr. tambem o adagio: *quem quer vae*, *quem não quer*, MANDA. Camões naquella passagem, quando diz que o *Rei mandou*, quer dizer que elle *soube mandar*, *soube ser Rei*.

corrigir, pondo melhor o que se considerar como mau, mas em restituir a fórma primitiva do poema. Já se vê que Camões não foi sempre impeccavel; comtudo não é a nós que pertence faze-lo dizer o que elle realmente não quis ou não pôde dizer. Na opinião do sr. Amorim as primeiras edições dos *Lusiadas* sahiriam do prélo pouco mais ou menos como o que em linguagem typographica se chama uma *prova de granel* ou de *galeão*, e s. ex.ª trata, a todo o panno, de rever e corrigir essa *prova* miseravel: no emtanto, muito habeis e sabedores eram os typographos, que sempre os seus *erros* se podem justificar com passagens dos principaes mestres da lingua!

O sr. Gomes de Amorim tem ainda meio de attenuar o passo que deu, meio que eu me atrevo a lembrar: é recolher, e inutilisa-los, todos os exemplares que andam no mercado. Com relação ás escholas, de certo os respectivos inspectores impedirão que tão desnaturada obra lá penetre, pelo menos officialmente.

O sr. Amorim nem sempre aproveitou ou discutiu certas emendas já feitas pelos seus antecessores, como eu podia provar; outras vezes dá como suas (embora por lapso) alterações já propostas, — por ex. no c. III, est. 113, *meio mortos*, que se lê, e tambem erradamente (segundo penso) na ed. da *Actualidade;* e no c. X, est. 5, *trocavam*, já adoptada na ed. do sr. F. A. Coelho.

Uma vantagem que creio tem a obra do sr. Amorim (vantagem indirecta) é provar-nos que

mesmo para aquelles individuos habituados a lidar com as letras, como s. ex.ª, algumas passagens dos *Lusiadas* sufficientemente claras passam no emtanto por obscuras, — d'onde a necessidade de que alguem faça d'aquelle poema uma edição critica e seriamente commentada, como ella o deve ser nesta epocha em que a Philologia está num grau de tanto progresso. A edição que o sr. prof. F. Adolpho Coelho nos deu em 1880 (do *Gabinete Português de Leitura,* do Rio de Janeiro) vem já acompanhada de um breve glossario inspirado nas prescripções do novo methodo philologico ([1]).

Ao terminar a minha critica, o que eu de todo o coração desejava era que o Sr. Amorim se convencesse de que me não animou, ao fazê-la, o gôsto de dizer mal, e sim unicamente o de exercer um direito que tem todo e qualquer leitor ao acabar de percorrer uma obra com cujas idéas não concorda, por possuir argumentos com que as rebater, e por as julgar nocivas; só lamento que s. ex.ª pusesse a sua boa vontade e sincero enthusiasmo, que eu sem dúvida alguma a reconheço, ao serviço de uma causa irremediavelmente perdida.

Muitos leitores acharão por ventura esta crítica um pouco pesada, e quereriam que eu

---

([1]) Com relação a outras obras de Camões devo citar aqui as muito apreciaveis criticas da sr.ª D. Carolina Michaelis de Vasconcellos. E' tambem para lembrar o trabalho allemão de Storck.—Isto que digo não tem por fim lançar no olvido estudos como o de Juromenha e de outros.

me espraiasse antes em considerações philosophicas; mas responder-lhes-hei que, sem a anályse dos factos, todo o trabalho de synthese é nullo. Effectivamente em Portugal os escritores moços, e muitos mesmo dos que já o não são, preoccupam-se o seu tanto com as chamadas — altas questões syntheticas, e sorriem desdenhosos dos que, antes de chegar a ellas, e sem ter pressa d'isso, querem primeiro fortificar-se com a investigação miuda e parciente dos materiaes; mas isto não é porque entre nós abundem as naturezas philosophicas, é por que sae muitissimo mais barato aprender generalidades banaes e dissertar pomposamente sobre ellas, embora o primeiro raciocinio seguro que se lhes opponha as reduza a pó, do que estudar com sinceridade e a fundo qualquer questão. Resulta d'aqui que, emquanto nós gastamos a maior parte do tempo com folhetins e obras de phantasia, vem os estrangeiros investigar os materiaes que cá temos, e que nós deviamos ser os primeiros a explorar: tanto succede isto com as sciencias historicas, como com as sciencias naturaes.

Farei agora um resumo da critica. Parece-me ter demonstrado o seguinte:

1.º) que as bases em que o sr. Amorim assenta a sua edição são falsas;

2.º) que o snr. Amorim não tem conhecimento sufficiente, quer do idioma, quer da metrica do tempo de Camões, nem comprehende bem o que é a vida da linguagem em geral;

3.º) que não raro s. ex.ª deixa de entender

o sentido de muitas passagens importantes dos *Lusiadas*, não só quando a respectiva linguagem reveste fórma archaica, como tambem quando se aproxima do uso moderno;

4.º) que, como consequencia de tudo isto, a presente obra está cheia de contradições;

5.º) e de erros grosseiros que illudirão completamente quem a ler desprevenido;

6.º) finalmente, que á propria linguagem do commentador falta aquella gravidade que se quer em trabalhos didacticos como este.

Apesar de tudo, porém, já houve em Portugal, e até nesta côrte, jornaes que tesseram francos e rasgados elogios á obra do snr. Gomes de Amorim!

Lisboa, 17-8-89.

ERRATAS

A pag. 25, linha 23, o verso

Sos, fizeram, por armas vencedoras

deve lêr-se assim:

Sós, fizeram, por armas tão subidos

A pag. 68, linha 24, em vez de «duvida alguma *a* reconheço», deve lêr-se «duvida algumas reconheço»